

Miguel Gomes

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Dia 1: Não gosto de carne de caça

Mal levei a carne seca de caça à boca e logo senti o odor às peles do animal. Qual molho, qual quê. Não sou capaz de engolir a primeira garfada e, rapidamente, desisto de matar a fome com aquele conduto. Nem o funji misto conseguiu convencer-me - só a couve agradou e não dá para alimentar o corpo, mesmo pequeno, apenas à base de folhas refogadas.

Como somos quatro pessoas na mesa daquela tia, na única rua asfaltada do Cuito Cuanavale, província do Cuando Cubango, atiro o prato para outro colega. Ele não recusa. Ao lado, na mesma rua, estão outras senhoras a vender refeições e prefiro lutar com o clássico arroz com feijão. E a couve sim, sempre a couve refogada, para dar vitamina e animar um bocado as entranhas.

Agora, o relógio aponta para as 12 horas. Eu e o fotógrafo Dombelle Bernardo estamos oficialmente a caminho do município do Dirico. A comitiva fica completa com os companheiros da Angop, TPA e do Centro de Imprensa Aníbal de Melo. Ao grupo de jornalistas, junta-se também um representante do Ministério da Administração do Território e Reforma do Estado (MATRE).

Saímos de Luanda, num avião repleto de militares e agentes da segurança, por volta das 7 horas. Só uma hora e meia depois aterrámos no Cuito Cuanavale, cenário fantástico de transições políticas e retóricas épicas, a maioria ainda por desvendar.

A viagem começa normalmente mas o Príncipe Harry, quinto na linha de sucessão da Rainha Isabel II de Inglaterra (sua avó), apenas chega ao país daqui a dois dias, na quinta-feira, 26 de Setembro. Não sabemos o que nos espera lá à frente mas é engraçado concluir, logo nas primeiras horas, que a nossa mala - repleta de perfumes, casacos sociais slim fit e loções corporais mais ou menos ricas - é um equívoco. Um completo equívoco.

Depois do almoço, tipo já não vamos comer mais, regressámos ao pequeno aeroporto do Cuito Cuanavale onde aguardámos algumas horas pelo pequeno Twin Otter DHC6 de 17 lugares, da empresa de aeronáutica Sequeira João Lourenço (SJL). São 15 e 30 quando subimos as escadas para dentro do avião, que agilizou uma autêntica ponte aérea entre o Cuito Cuanavale e o Dirico.

Não há tranquilidade que resista mas aprecia a solidariedade - não anunciada entre os passageiros e tripulantes. Não há classe social, profissão, cor da pele ou condição económica que resista a uma ideia maior: todos estamos unidos no forte desejo de não nos espatifarmos lá em baixo. Crescem os sorrisos transpirados e os olhares de cumplicidade no sofrimento.

Depois de muitas passadas de kizomba, por entre aquele céu azul, conseguimos aterrar

■ DIÁRIO DE QUATRO DIAS NO CUANDO CUBANGO

Quando fomos ao Dirico só quisemos regressar

A visita do Príncipe Harry a Angola, nos dias 26 e 28 de Setembro, foi o mote para a viagem ao Cuando Cubango. Só no local, é possível compreender as dificuldades de uma província praticamente desabitada, cortada por rios e memórias de guerras e zonas de transição. De Luanda à sede do município do Dirico (cerca de 2 mil quilómetros), de carro, são cinco dias de viagem. Fomos de avião



na pista de terra e areia do Dirico. São 17 horas de terça-feira, 24 de Setembro. Já a luz do sol caminha para o seu esconderijo preferido. Naqueles lados, começa a amanhecer por volta das 4 e 30 e fica tudo escuro às 18 horas, situação que relança o debate sobre os fusos horários no país.

Começa agora a batalha por um colchão, uma tenda e uma acomodação. Esperamos duas horas por uma resposta ao lado da pista.

No Dirico, não há hotel, nem pensão, nem restaurante, apenas duas cantinas que aceitam o rand e vendem cartões de telecomunicações da Namíbia, entre outros produtos bastante acima do preço de referência. Estamos junto à fronteira sudeste e a poucos quilómetros dos vizinhos de baixo. Os sinais de que estamos em Angola só existem na unidade policial e na administração municipal.

Às 19 horas, despejamos no acampamento profissional da organização inglesa Halo Trust, que desenvolve projectos de desminagem no município do Dirico.



População do município do Dirico estava curiosa e esperava ansiosamente para conhecer o Príncipe Harry, filho de Diana

Somos bem recebidos - mais uma vez a solidariedade humana no seu melhor. Porque naquele contexto estamos todos no mesmo barco. Não temos onde dormir, a noite chegou sem pedir licença e rapidamente nos dizem que, enfim, lamen-

tamos isso tudo mas, meus irmãos, a solução está no chão do jango construído há poucos dias com madeiras locais. Assim mesmo.

Quando recebemos os colchões e as mantas enviadas pelo tenente-coronel Cazengo - um dos responsáveis da

Casa de Segurança do Presidente da República, que garantiu a criação de condições para receber os visitantes - fazemos a nossa esteira.

Depois do jogo do Barcelona (o gerador do acampamento funciona das 18 às 22h, na vila algumas poucas habi-

tações recebem energia da Namíbia), avisam que é melhor não circular de chinelos àquela hora. Um frio desgraçado e silencioso preenche o nosso sono e entranha-se nos ossos durante a noite. Os sonhos são marcados por cobras e animais peludos.

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Dia 2: Uma tenda para animar a mente

Como dormimos ao relento, o nosso alarme é o nascer do sol. No Dirico, os dias são quentes e cheios de areia por todos os lados, mas as noites podem ser mais frias do que um qualquer Inverno na Cidade do Cabo.

Como não há matabicho, tirando umas bolachas tipo ração fria militar e um chá aquecido na fogueira providenciada pelo José Agostinho, da Halo Trust, o programa levou-nos ao projecto de desminagem KK220, a cerca de cinco quilómetros da vila.

A localidade está numa situação geográfica curiosa: é um promontório (uma pequena elevação) que se assemelha a uma ilha. De um lado, está o rio Kuito e do outro está o rio Cubango. O percurso da água traça linhas redondas que nos remetem para algo de belo, virgem, intocado. O português é uma língua dos que vêm de fora. O ganguela e até o umbundu têm predominância na mente daquelas pessoas.

O cenário é idílico também, no sentido do inusitado. Longas planícies de areia são pontuadas por arbustos e árvores de pequena dimensão. São evidentes os sinais de desmatamento através dos troncos cortados. Pudera, não há alternativas ao carvão para cozinhar e para outras funções mundanas. Gás de botija no Dirico só mesmo em filmes surrealistas.

Na hora de almoço, voltámos a procurar o tenente-coronel Cazengo. O seu telefone parece a central da Angola Telecom. Acabamos por receber uma

feliz notícia sobre as refeições: passamos a fazê-las na unidade policial do Dirico, em vez de esperar por governantes e outros ilustres numa das casas de apoio que foram arranjadas à última da hora.

Os pratos são quase sempre os mesmos com o funji de mistura, a carne de vaca guisada e o repolho. Ao jantar, a carne de vaca guisada transforma-se em conduto de massa com todos.

É neste segundo dia de estadia no Dirico que nos damos conta de um problema essencial para jornalistas: não temos Internet para enviar o trabalho para Luanda. Há a possibilidade de utilizar a rede namibiana, mas o sinal também não é suficientemente forte. Continuamos na perspectiva de voltar a dormir ao relento. Não há moral que resista a mais pesadelos com cobras e animais peludos no meio de nuvens de areia.

Ao longo da tarde, a ventania aumenta bastante de intensidade. Passam rajadas que já não são um assobio qualquer, aquilo já remete para outras forças, se calhar do reino do divino. São 16 horas quando a nossa tenda de campanha começa a ver a luz do dia, isto sim, uma novidade digna do mais elevado altar. Duas horas depois, ficou pronta para ser habitada, numa alegre e fraterna colaboração entre os jornalistas e os manos trabalhadores da Halo Trust.

Durante a noite, a tenda-palácio ameaça voar, arrastada pelo vento, mas resiste heroicamente (com oito pessoas lá dentro a servir de contrapeso).

A manhã dá à luz como em todos os dias que estivemos no Dirico: o céu azul sem mácula abraça o sol e as cores da areia, dos arbustos de baixa dimensão e dos rios abundantes. Antes, por volta das 4 e 30, a lua assume a forma de fatia reduzida, como um risco na sobancelha, para depois aumentar de tamanho à medida que os minutos passam.

Às 5 horas, a lua desaparece e, então, o sol rebenta em força. A temperatura só agora começa a mudar. Mesmo assim, o frio persiste até por volta das 9 horas. O terceiro dia de estadia no Dirico é marcado pela chegada do Príncipe Harry a Angola.

Aproveito o período da manhã para colocar algumas leituras em dia. Terminei finalmente de ler "As Paisagens Propícias" do Ruy Duarte de Carvalho (escritor, poeta, antropólogo, realizador, investigador, eu sei lá, o homem tinha vinte caras bonitas), depois de anos e anos para trás e para a frente com aquilo. Não por dificuldade ou desilusão, mas como forma de absorver tanta informação e tantos estímulos no meio de um romance totalmente fora do cânone. Gosto de pensar que ele poderia gostar desta descrição, mesmo sabendo do

Dia 3: Duas pessoas por quilómetro quadrado

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



seu desdém por jornalistas.

Confirmando depois que o censo populacional realizado em 2014 contabilizou 14 601 pessoas no município do Dirico, que apresenta três comunas (Xamaverá, Mucusso e o próprio Dirico). Neste município de 18.590 quilómetros quadrados,

a densidade populacional é de apenas 1,3 habitantes por quilómetro quadrado. Na vila, a população residente não deverá ultrapassar as 1000 pessoas.

Em relação à província do Cuando Cubango, a densidade populacional é de 2,5 habitantes por quilómetro quadrado. É

por isso que na hora e meia de viagem entre o Cuito Cuanavale e o Dirico não se vislumbra uma única aldeia, uma casa, nada, só areia, águas, rios, muita secura e poucas árvores.

Depois do funji de mistura com carne de vaca guisada (hoje também temos peixe seco - e o repolho e também feijão), é tempo de esperar a comitiva vinda do Botswana. De Luanda, chegaram vários governantes e alguém lembrou que o Dirico não recebe a visita de um ministro há 30 ou 40 anos. Desconhecemos confirmar a informação mas não é de esperar que seja mentira.

São precisamente 16h26 quando o avião que transporta o ilustre Harry pisa o chão do Dirico.

Praticamente, toda a vila está nas imediações da pista e ninguém escapa a um autêntico banho de areia arrastada pelas hélices dos aviões. Só naquele dia estavam mais de cinco aviões estacionados no Dirico. Um dos aviões - eram três - que transportava a comitiva mal pisou a areia guinou logo para a esquerda e enterrou as rodas. Só um Kamaz da Halo Trust é capaz de resolver o problema. Bem-vindos a Angola.

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Harry desenvolveu no país uma série de actividades ligadas à desminagem envolvendo palestras e visitas a campos minados

Dia 4: A viagem não é só ir, é ir e voltar

Às três horas, ligam o gerador do acampamento. É uma dica porque tinha ficado combinado que o barulho do roncador seria o nosso alarme. Rapidamente, nos levantamos na tenda e nos preparamos para sair.

Como dormia vestido por causa do frio e da humidade intrusiva, precisei apenas de me calçar e de adicionar mais uma camisola à t-shirt, camisola e casaco de capuz que já usava. Mesmo assim, ainda estava a bater os dentes. Foi por isso que resolvemos arrastar também os cobertores para fazerem de gabardine (confesso que foi uma ideia genial).

Por volta das 3h45, subimos para o Kamaz, onde já se encontravam os sapadores da Halo Trust devidamente equipados e prontos para sair. Éramos, seguramente, mais de vinte

pessoas e uma boa quantidade de material de desminagem para descarregar no campo.

Chegamos ao local onde Harry vai detonar uma mina e fazer uns bonecos para a comunicação social angolana e inglesa. A acção interessa bastante à Halo Trust já que o acesso a financiamentos internacionais também depende da exposição pública que o assunto recebe. Angola já prometeu 60 milhões de dólares, com a Halo Trust a receber um terço deste valor (20 milhões) para continuar a sua actividade de desminagem no país.

Só no Cuando Cubango, estão identificados mais de 150 campos minados. Em todo o país, são cerca de 1200. O príncipe só vai chegar ao local por volta das 6h30, o que nos faz acomodar debaixo de uma tenda de apoio.

Pensamos nas lutas militares que marcaram a região. Há zonas desminadas e outras marcadas com os paus encarnados e brancos. A zona do Dirico fez parte das "terras livres" da UNITA durante a guerra civil. Segundo a Halo Trust, aquele campo foi minado no ano 2000, numa época em que as forças militares governamentais apertavam a perseguição ao inimigo.

Hoje, as lutas são outras. Felizmente. Enquanto os jornalistas angolanos estão manietados por falta de Internet, os camaradas jornalistas ingleses vêm devidamente artilhados. Enquanto nós não conseguimos enviar um simples texto para Luanda, eles fazem directos televisivos para a Europa.

O contexto faz-me pensar noutra interessante livro chamado "Não vimos isto nem no Afega-

nistão: Memórias de um participante da Guerra em Angola" (o título foi traduzido livremente por mim, julgo que apenas existem versões em russo e inglês), do ex-tradutor e assessor militar soviético Igor Zhdarkin, que prestou serviço em Angola durante a Batalha do Cuito Cuanavale.

É um livro de memórias e também um diário de guerra alimentado durante aqueles momentos críticos. Há passagens altamente preceituosas, em que o leitor se pergunta sobre a sanidade mental do autor. Ele acaba também, naturalmente, se calhar, por vestir a farda da propaganda russa e dos imperialismos que a desnorream, no entanto, é sempre um registo na primeira pessoa que interessa analisar.

No final da manhã, já só queremos regressar a casa. Imagino que é um sentimento militarizado que talvez tenha desvirtuado a mente de Igor Zhdarkin. Harry seguiu para o Huambo. Somos aventureiros e queremos girar o mundo. Mas a viagem é sempre um círculo fechado. A viagem não é só ir, é ir e voltar.